

Fossa Oceânica

António Guerner Dias *, Maria Conceição Freitas †, Florisa Guedes ‡, Maria Cristina Bastos*

*, † Faculdade de Ciências Universidade do Porto

, ‡ Escola Secundária de Carvalhos

, * Escola Básica 2/3 Soares dos Reis

CITAÇÃO

Dias, A. G., Freitas, M. C., Guedes, F., Bastos, M. C. (2014) Fossa Oceânica, *Rev. Ciência Elem.*, V2(03):210. doi.org/10.24927/rce2014.210

EDITOR

José Ferreira Gomes, Universidade do Porto

RECEBIDO EM

17 de junho de 2012

ACEITE EM

12 de novembro de 2012

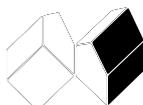
PUBLICADO EM

30 de setembro de 2014

COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2014. Este artigo é de acesso livre, distribuído sob licença Creative Commons com a designação [CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite a utilização e a partilha para fins não comerciais, desde que citado o autor e a fonte original do artigo.

rce.casadasciencias.org



Depressão do fundo oceânico com mais de 6000 m de profundidade.

As fossas oceânicas, também conhecidas como fossas abissais, formam-se em locais onde ocorre a colisão entre placas tectónicas verificando-se o afundamento da placa oceânica sob outra de menor densidade.

São zonas relativamente estreitas, mas que podem ter milhares de quilómetros de comprimento, onde ocorrem sismos provocados pelo atrito entre as massas rochosas, cujos focos se situam num plano inclinado que se designa plano de Benioff. Os focos mais profundos não ultrapassam 700 km de profundidade, o que parece corresponder à profundidade a que a placa oceânica funde.

A fossa das Marianas, no oceano Pacífico, é a depressão mais profunda da Terra, com cerca de 11 km de profundidade.